**SLADE, Peter**

Peter Slade foi um escritor e dramateurapeuta inglês, nascido a 7 de novembro e falecido a 28 de junho de 2004, que se dedicou ao estudo do drama infantil, tendo mesmo sido um dos pioneiros no estudo desta temática, com tanta importância na actualidade. Para além disso, teve um trabalho muito importante no estudo de crianças com necessidades educativas especiais.

 Em 1964 coordenou a sessão de drama criativo, na primeira Conferência Mundial sobre Teatro para Crianças.

 Após uma longa observação do comportamento infantil e das práticas pedagógicas realizadas em torno do drama infantil, este autor, escreveu *Child Drama*, em 1955, que posteriormente - em 1978, foi resumido pelo autor, dando origem ao Jogo Dramático Infantil, este livro explica a sua teoria de uma forma bastante sucinta, dando exemplos práticos para os pais e educadores.

 *Child Play, Its Importance For Human Development* foi o último livro escrito pelo autor, no ano de 2001, no qual descreve a vida desde a infância até à idade adulta, dando exemplos práticos de como estimular e ensinar a criança e jovens e dá mesmo alguns exemplos de como evitar a delinquência na adolescência. Peter Slade afirma que *"It is intended to be a help to parents, teachers, social workers, police, Home Office, JPs, priests and therapists. It might make some children more happy too. That's why I wrote it"[[1]](#footnote-1)*.

 Quatro anos antes de escrever o seu último livro - em 1997, recebeu um prémio importante, o *Queen's Silver Jubilee Medal* (é uma medalha entregue pela Rainha Elisabeth II)*.*

Os estudos originais escritos por Slade, estão guardados na Universidade de Manchester e na *Rylands Library*, onde foi professor honorário, pelo excelente trabalho que realizou para o desenvolvimento do drama infantil.

**O Jogo Dramático Infantil**

Não podemos dizer que o jogo dramático infantil foi inventado por alguém, pois sempre existiu, apesar de nem sempre ter este nome; é um comportamento real do ser humano, visto que este está constantemente a interpretar papeis sociais diferentes, aos quais se tem que adaptar, exemplo disso, é o comportamento que uma mulher tem quando desempenha o papel de mãe - este é diferente de quando está no seu local de trabalho.

Na história da humanidade existem vários momentos em que podemos perceber que o jogo dramático foi utilizado, visto que as crianças sempre representaram actividades que não lhes competiam, como é o exemplo da pré-história em que as crianças brincavam à caça, representavam as caçadas da comunidade na qual estavam inseridas. Nestes momentos, não estavam apenas a passar o tempo, estavam num momento de aprendizagem, visto que transmitiam os seus receios, expectativas e estavam em comunidade.

**O Jogo Dramático não é Teatro**

O jogo dramático é uma actividade que serve para a criança pensar, comprovar, relaxar, trabalhar, lembrar, ousar, experimentar, criar e absorver. Como é óbvio, tendo em conta a quantidade de “benefícios” deste tipo de jogo, este deve ser encorajado por parte de uma mente adulta, tendo em conta que este é o exemplo para a criança.

Por sua vez o drama mais direccionado para as crianças, onde estas realizam uma actividade espontânea e dão azos à sua imaginação, simulando ou representando papeis fruto das suas relações, para estimular o seu desenvolvimento social, psicológico e cognitivo. É nos momentos em que a criança está a jogar, que passa por uma serie de momentos e experiencias emocionais que lhe dão experiência de vida e reconhecimento do que está certo e errado, tendo a tendência de repetir as emoções que gostou de sentir.

A designação “Jogo Dramático” tem um carácter completamente diferente do teatro, visto que este último tem como objectivo criar um momento de entretenimento, mas dando um maior ênfase ao levar o público a reflectir sobre o que viu ou ouviu. Esta reflexão pode mesmo levar a que o público mude algumas das suas formas de agir, sendo este momento compartilhado entre os actores e o público. Tendo em conta estes objectivos compreendemos que o jogo dramático não é teatro, pois as crianças não representam com o objectivo de entreter alguém e muito menos são actores, mesmo quando um grupo de crianças apresenta a sua representação para os colegas, estes não são considerados público. Para além disso, o jogo dramático é uma brincadeira para a criança, por isso, não existem regras explícitas para o fazerem, ninguém é obrigado a dizer uma deixa para outro colega e ele lhe responder. Este jogo é muito espontâneo e não é planeado. A nosso ver é, extraordinário como as crianças conseguem estar num jogo dramático durante bastante tempo sem terem previamente combinado. Por outro lado, se pedirmos a um adulto que o faça, este fica bastante atrapalhado e não consegue improvisar sem ter combinado nada com o parceiro de representação.

Como em qualquer brincadeira infantil, o educador não deve interferir de uma forma pejorativa, nunca deve dizer à criança que não se faz daquela forma, mas pode levá-la a reflectir sobre o assunto. Por exemplo, se a criança está a representar um idoso e está a saltar muito e a deslocar-se muito rápido, o educador nunca deve dirigir-se à criança e dizer “não é assim que um idoso de movimenta, tens que te deslocar de uma forma mais lenta”, mas poderá questionar a criança “achas que um idoso ainda tem toda essa energia?” devemos ter em conta que as crianças estão a brincar ao faz de conta, por isso nem tudo tem que ser realista, se a criança compreender que os idosos se movimentam de uma forma mais lenta, mas mesmo assim queira continuar a representá-lo com movimentos bruscos e rápidos, o educador tem que lhe dar essa liberdade, se não está a estragar-lhe o jogo, impondo a sua mente adulta.

Observando-se a criança neste tipo de jogo, notamos que há uma grande absorção e sinceridade, porque está envolto na tarefa que está a recriar/representar e são muito sinceros, porque estão a fazer o que querem. Neste tipo de representações, as crianças trazem consigo um sentimento intenso de realidade e experiência.

**O Jogo Projectado e Pessoal**

Alguns autores gostam de distinguir o jogo realista do jogo imaginário, mas no ponto de vista de Peter Slade, essa distinção não faz muito sentido, pois em muitas circunstâncias, estes dois “mundos” unem-se, porque as crianças representam experiências da vida real e da imaginária, em simultâneo. Com a experiência que a criança vai ganhando, vai compreendendo melhor a diferença entre o jogo imaginativo e o realista, mas nenhum dos dois deve ser imposto pelo educador e este não deve exigir que a criança lhe explique porque motivo está a fazer aquele tipo de jogo.

Peter prefere distinguir o jogo dramático em dois tipos - o pessoal e o projectado, sendo o primeiro um tipo de jogo que exige mais a nível físico, e o segundo que tenha uma exigência física muito reduzida, mas a mental está na íntegra.

 **Jogo Projectado**

Neste tipo de jogo, a mente é utilizada na totalidade, mas o corpo tem pouca importância, pois são usados objectos que assumem ou não outro tipo de papel do que o seu objectivo original; por exemplo, a criança pode usar uma caixa de cartão pequena como se fosse um carro. Quando a criança está neste tipo de brincadeira, a sua mente está em utilização plena, mas o seu corpo está em pouco uso. No exemplo anteriormente referido, podemos aperceber-nos disso. Habitualmente, as crianças estão debruçadas no chão a brincar com o carro (caixa de cartão pequena) e apenas utilizam os membros superiores na sua brincadeira, mas a sua mente está a imaginar enumeras situações e problemas que o carro terá que enfrentar. Por exemplo, terá que passar pela lama. Tendo em conta esta situação, a criança imagina quais os movimentos que o veiculo fará quando passar por cima da lama.

Um exemplo da criança dar uma utilização diferente ao objecto, com que está a brincar, com o fim para o qual esse foi feito, é quando a criança está a brincar no chão com uma boneca e que tem um - por exemplo, diálogo com ela e a passeia sem ter que se movimentar muito, dá um papel importante a esse objecto, neste caso pode imaginar que a boneca é a sua melhor amiga, a mãe, professora, etc.

Este género de jogo é bastante mais calmo do que o jogo pessoal, o que faz com que as crianças estejam ainda mais absorvidas. Este tipo de jogo é muito usual nos estágios precoces, visto que nesses estágios as crianças preferem brincar sozinhas e com pouca confusão devido à sua característica egocêntrica.

**Jogo Pessoal**

O jogo pessoal é o oposto do jogo projectado, visto que neste tipo de jogo existe um grande esforço físico e bastante barulho. Se o barulho não estiver presente, pelo menos o esforço físico está.

“(…) O jogo pessoal desenvolve a qualidade da sinceridade, pela fé absoluta no papel representado (…)”[[2]](#footnote-2), as crianças levam o jogo dramático muito a sério, representando-o exactamente como os seus olhos vêm o mundo real e imaginário, não tendo qualquer tipo de pudor nas suas representações.

Este tipo de jogo começa a destacar-se aos cinco anos, de idade pois é nesta idade que a parte física da criança tem um grande crescimento e uma importância maior. Para além disso, as crianças tornam-se menos egocêntricas, gostando de partilhar as brincadeiras.

**Conclusões Finais**

Os dois tipos de jogos apresentados anteriormente complementam-se, visto que o ser humano aprende a medir os seus sentimentos, como por exemplo - ser uma pessoa feliz ou infeliz. É uma aprendizagem que o ser humano aprende a lidar, descobrindo-se a si próprio e ao mundo que o rodeia.

O jogo projectado serve para desenvolver, num futuro próximo, actividades como artes plásticas, música, actividades desportivas e jogos, não sendo estas actividades de impacto/violento. Para além disso, capacidades como a de observação, a concentração e a organização.

O jogo pessoal está relacionado com um jogo barulhento, utilizando muito esforço físico, por parte dos intervenientes, assumindo um papel. Neste tipo de jogo desenvolvem-se capacidades como a liderança, controlo pessoal, bem como as capacidades relacionadas com as actividades desportivas, como o atletismo, natação, futebol, entre outros.

**Formas Recorrentes**

O círculo é uma figura geométrica predominante entre as crianças de pouca idade, nas suas brincadeiras e na sua locomoção.

Mais tarde na idade de pré-escolar, esta forma começa-se a alargar como círculo cooperativo, em que todas participam.

Já no primeiro ciclo, a turma verifica-se como círculo maior mas subdividindo em pequenos círculos, ou seja grupos.

Entre os onze e os treze anos o círculo sofre algumas modificações sendo que surge o palco onde as crianças começam a formar um círculo e isso facilita-lhes a movimentação.

A partir dos treze anos ou mais com o uso do palco já se verifica uma maior consciência do drama/teatro, embora usem o círculo já tem consciência que ao usarem estão de costas para o público. Em consequência ao usarem o palco usam parte lateral ou os degraus descendentes de forma a não estarem expostos.

**Relação entre Arte (Jogo Projectado) e Drama**

As crianças ao desenvolverem a sua percepção do espaço - no sentido físico, a pintura e o desenho melhoraram. As crianças inicialmente recorrem a padrões com S ou estrelas, tanto no ato físico, como através do desenho. Embora, quanto mais trabalhados forem os movimentos, também as suas representações gráficas evoluem. Enquanto as crianças exploram o espaço físico e o observam no sentido emotivo e estético, alcançam a equidistância. Esta característica pode ser adquirida tanto no jogo pessoal como no projectado.

Após atingirem este conceito, as crianças vão crescendo a nível intelectual e mental, sendo também um processo social, pois as crianças começam a dar conta das necessidades alheias. “(…) Em toda e qualquer simples actividade de jogo dramático da criança, encontramos qualidades de forma e a presença de uma certa destreza, embora em grande parte inconscientes (…)”[[3]](#footnote-3).

Slade afirma que “(…) não vacilo em afirmar que de facto existe um “*Drama* (jogo dramático) *Infantil”* que é uma forma de arte por direito próprio, a qual deveria ser reconhecida, respeitada, alimentada e desenvolvida (…)”[[4]](#footnote-4).

**O Que os Pais Podem Fazer para Ajudar**

O drama infantil é um tipo de expressão que diz respeito à natureza humana, por inteiro.

 Através do drama e da observação dos adultos de referência, as crianças tornam-se confiantes, visto que este tipo de arte se preocupa com a realidade. Transversalmente com a observação dos dramas infantis, os pais e professores podem compreender as necessidades das crianças e intervir para as atenuar.

 **Atitude Geral dos Pais**

 A coisa mais importante na vida de um bebé, é o amor. Este tem que ser dado desde a concepção, pois existem estudos científicos que afirmam que o feto sente as emoções da mãe. Logo se a mãe não amar a criança que cresce no seu ventre, passará essa frustração para o feto. Além disso, os fetos conseguem reconhecer a voz da mãe e por vezes do pai, logo é de extrema importância que os futuros pais conversem com o filho que esperam.

 “ (…) As coisas feitas em favor da criança, devem ser feitas para as suas necessidades reais e não por algum capricho sentimental dos pais (...)”[[5]](#footnote-5), como acontece, por exemplo, em pais separados que para “conquistarem” a criança cedem a vários caprichos.

 Tem que ser encontrado um equilíbrio de afecto, tendo sempre em conta que os pais têm que saber dizer “não” e havendo uma mistura de paciência e afecto, pois se estivermos um dia inteiro a repreender a criança por ela fazer muito barulho, dizendo-lhe que não temos tempo para fazer uma pequena brincadeira, a criança não irá aprender tanto e, um dia mais tarde, quando se tornar adulta, irá reproduzir os mesmos comportamentos. Todos os dias, os pais têm que dispor de um tempo para estarem a cem por cento com os seus filhos, onde as preocupações profissionais, financeiras e de qualquer outro nível sejam esquecidas.

 É importante estabelecer poucas regras, mas garantir que estas sejam cumpridas, passando desta forma a ser um hábito, exemplo disso, é a higiene oral. Se os pais todos os dias forem com a criança à casa de banho na hora de fazer a higiene oral, quando entrarem na adolescência os pais já não terão de lembrar a criança da importância deste tipo de higiene, pois a criança terá esse hábito interiorizado.

Os pais devem deixar que os seus filhos se sujem, pois é de extrema importância a exploração do espaço e materiais, o que faz com que muitas vezes as crianças se sujem, mas não há problema nenhum nisso, desde que posteriormente as crianças se lavem bem e tenham as vacinas em dia. Para além disso na sua vida futura as crianças poderão ter uma profissão em que é necessário sujarem-se e nessa altura será muito mais difícil a adaptação, porque tiveram durante a infância toda a ouvir os pais dizerem que não se podiam sujar.

“ (…) Em todos os nossos relacionamentos com crianças, devemos continuamente dizer a nós mesmos “se eu fosse realmente esta pessoazinha, nesta situação, o que eu faria, o que pensaria, o que diria?” Quanto maior a sua capacidade de percepção nessa linha de pensamento, mais desinteressado será o seu amor, e mais compreensivo você se tornará (…)”.[[6]](#footnote-6)

**Sugestões para Ajudar o Drama Infantil em Casa**

Permita de vez em quando ruídos estrepitosos, pois as crianças gostam de sons, descobrem muito sobre a fala, música e drama, aprendizagens que não são feitas de não forem experimentadas.

Deixe a criança ficar de pé e correr, não impedindo nenhuma destas actividades com medo que a criança caia, pois a criança só assim aprenderá a levantar-se quando cair. Com este tipo de actividades as crianças aprenderão a interessar-se, mais tarde, por actividades desportivas. Além disso, descobrem o seu próprio ritmo corporal.

Permita que a criança invente palavras e sons novos, não desvalorize ou repreenda este ato, pois este tipo de descoberta desperta interesse pela linguagem e necessidade de conhecerem novos vocábulos.

As crianças para serem felizes e estimuladas não necessitam de ter brinquedos caros que fazem tudo por elas, aprendem muito mais se tiverem tintas, papel, brinquedos não tecnológicos, pois através deles poderá fazer enumeras descobertas.

**O que Fazer com as Crianças nos Primeiros Anos de Vida**

Devemos estimular as crianças a criarem sons, a movimentarem-se e criar situações de linguagem improvisada (improvisação). Desta forma, estamos a dar-lhes momentos de exploração para o drama infantil.

No geral as crianças dividem o som em três modos diferentes: cadência, ritmo e clímax e é mais fácil para o educador, criar uma ligação com a criança se formos capazes de compreender isso, podendo desta forma adaptar os instrumentos levados para a sala de aula. Como por exemplo, o tambor, apitos, latas velhas, lixas de papel, dois paus, etc.

O autor refere alguns exemplos de como produzir sons na sala antes das crianças entrarem desta forma, que suscitará a sua curiosidade. “eu: o que lhes lembra isto…..”, as crianças com esta actividade começam a puxar, obedecendo aos ritmo do guizo. Dos 5 aos 6 anos o professor pode bater num tambor e leva a um clímax até as crianças estarem alegres e depois da última batida eles param. Dos 6 aos 7, o autor refere que as crianças desta idade podem ter o que se denomina de “aurora de seriedade”.

Estes exemplos poderão ser usados na pré-primária, devendo o professor ficar contente apenas com as pequenas evoluções. O trabalho do professor terá sido bem realizado se aos seis anos e meio, a criança já tiver ciente a diferença entre cadência e ritmo, a equidistância surgir, durante o jogo, e se absorção e sinceridade tiverem sido desenvolvidas.

**Fluxo de Linguagem**

Por volta dos seis anos de idade, desenvolve-se a linguagem espontânea. Apesar do movimento continuar a ser uma parte muito importante nessa idade, não se deve estimular excessivamente a criança para este tipo de linguagem, porque não deve ser começada cedo de mais.

 A linguagem é um meio de comunicação que fascina as crianças e os sons fazem com que tenham um relacionamento musical. Esta é produzida através de vogais e consoantes, enquanto que o som pode ser dividido entre sons prolongados, breves, fortes e suaves; para que a criança descubra essas diferenças, o educador deve utilizar diversos instrumentos musicais e objectos que possam produzir sons e mesmo usar a própria voz e corpo.

Alguns exemplos de como se pode explorar e que o autor refere são:

* “(…) Menina(seis anos): "Olhe! Lá está a minha própria querida amiga, a primeira estrela da tarde”
* Menina (seis anos e meio): “ E o calor chegou, e a chuva chegou, e as tristes, tristes nuvens. Então eu vi que era hora de ir para a cama.”
* Menina(sete anos, dançando pela sala toda): “ eu estou cavalgando por cima do sol, montada num prego brilhante."
* Menina (seis anos e meio): “Eu puxei minha arma e levantei-a, e o anjo saiu do sol e eu joguei a arma fora.”
* Menina (sete anos) (como o Bom Samaritano, virando o homem ferido e falando com muita ternura): “Quem fez isto?” (…)”[[7]](#footnote-7)

**Trabalho em Condições Difíceis**

O espaço que a criança tem para explorar é muito importante, por isso se houver pouco espaço, o educador deve arrumá-lo de forma a obter um maior espaço livre, por exemplo, empilhando as cadeiras e afastando as mesas para um dos cantos. Muitas vezes e mesmo assim, o espaço não é suficiente para que todas as crianças possam atuar e nestes casos, o educador deve estimular a participação das crianças que estão a assistir. “(…) Tanto nas melhores condições, como nas menos favoráveis, a tarefa do professor é de funcionar como um guia gentil e suave(…)”[[8]](#footnote-8).

Se a actividade que está a ser realizada, a fala ou o jogo, não funciona em dado momento, o educador deve compreender através da sensibilidade, quando deve intervir, questionando, fazendo uma sugestão se esta for necessária. “(…) Esta é a arte da “nutrição” para o desenvolvimento (…)”[[9]](#footnote-9), é desta forma que se distinguem os bons educadores dos menos bons, pois as crianças necessitam de serem guiadas na sua educação.

**O que Fazer com Crianças da Primária e Segundo Ciclo**

**Dos Sete aos Nove Anos**

O trabalho deve seguir as linhas gerais do pré-escolar, mas o mesmo deve ser mais desenvolvido, estimulando cenas mais longas, oferecer menos orientação, usar histórias mais longas e mais complexas. Só com um aumento do grau de exigência é que as crianças evoluem, mas é importante ter sempre em conta o trabalho realizado no ciclo anterior, pois se a criança nunca tiver tido nenhum tipo de contacto com o drama infantil, a exigência da professora não poderá ser tão grande e terá que lhe dar primeiro as bases e depois aumentar a exigência e a complexidade dos exercícios.

Um bom método é “O Jogo das Ideias”, este jogo serve para se atingir uma história, mas sem usar qualquer tipo de sons para estimular o brainstorming.

“(…) Exemplo de trabalho realizado numa Escola
Eu:"Vamos ter algumas ideias"
Criança:"um rio.
Outra:"Um garotinho."
Outra:"Salgueiro chorão."
Outra:"Mãe horrorosa."
Eu:"Bom, agora aí vai a nossa história."
Após as crianças terem inventado a história, o educador pode continuar a estimular a sua imaginação, dando mais ideias para a continuação da história. Por exemplo, expõe o autor:
Criança: "Porque o rio ficou bravo?"
Eu:"Não sei. O que você acha?”

Outra criança: “Ele ficou bravo com a mãe porque ela fez uma coisa horrível.”

Outra: “O homem na lua disse uma coisa que ele não gostou.”

Eu: “Sim, pode ter havido toda espécie de razões. Agora, quando nós chegarmos nesta parte da história (todos de vocês que quiserem), pensem no que faria vocês ficarem bravos, se fossem o rio. Aí então, o rio vai ficar bravo mesmo. A casa do garotinho é ali. E o rio vai deixar aqui. Façam um bonito desenho com ele. Onde vai ficar a arvore?” (as crianças me disseram tudo. Eu só queria dar-lhes geografia suficiente para que as partes essenciais ficassem claras. Elas sugeriam o resto e escolheram o elenco.)

Uma criança: “Podemos usar a mesa para a ser a casa?”

Eu : “Podem, e o resto da casa podem ser vocês três.” (Sugeri isto porque três crianças queriam obviamente se reunir ao grupo, mas ainda não tinham sido convidadas. Elas representam os ângulos da casa. Mas dez ou quinze crianças ainda estavam num lado da sala, e umas oito, no outro.)

Eu: “Vocês dez vão ser os animais do sítio. E o resto será o rio.” (…)”[[10]](#footnote-10)

**Fluxo de Linguagem**

Por volta dos nove anos de idade, as crianças já têm capacidade de inventar e representar as suas próprias histórias, escrevendo-as muitas vezes. A maioria das vezes a linguagem utilizada nessas representações está influenciada pelo ambiente familiar. Por isso, o educador tem que ter em conta que os ambientes familiares são muito diferentes, o que faz com que o vocabulário e sotaque utilizado sejam muito diferentes, e não deve “obrigar” a criança a mudar a sua linguagem, pois pode fazer com que exista um corte das suas origens e possa causar bloqueios derivados do medo de errar.

Devemos também considerar, que algumas crianças têm comportamentos diferentes, tendo em conta o local no qual estão inseridas. Por exemplo, uma criança que na escola seja muito tímida e fale pouco e baixo, não significa que seja sempre assim, em casa até pode falar bastante. Outro exemplo contrário, é que as crianças que na escola falam muito alto e interrompem as outras, poder significar que em outros contextos não têm oportunidade de expressar as suas ideias.

**Representando**

Muitas vezes a representação é utilizada como uma forma de desabafo, onde a criança transmite todas as suas frustrações, medos, alegrias, duvidas, entre outras emoções e sentimentos.

A criança pode representar uma cena que viu em casa, na rua, num filme, etc. que a tenha marcado por algum motivo, mas o educador também tem que ter a sensibilidade de compreender quando a criança não está a representar um drama imaginário. Se o educador se aperceber que o drama que a criança está a abordar é de extrema delicadeza, não o deve abordar na altura que ela está no seu jogo dramático, mas sim arranjar uma estratégia para abordar o assunto com toda a turma, para que a criança não se sinta intimidada. Por exemplo, se num jogo dramático, duas crianças estão a representar uma cena de violência doméstica, o educador não deve intervir logo, dizendo à criança que esse tipo de comportamentos não são corretos, ou que não se pode atentar contra a integridade física de ninguém. Em vez disso, o educador deve chamar as crianças ao ponto de conversa colectiva e falar sobre o tema em questão, explicando-lhes que a violência doméstica não pode ser admitida e gerar um género de “debate” com as mesmas, onde estas podem, se quiserem, expor a sua opinião e a sua experiência sobre o assunto em questão. O educador tem que ter em conta, que este problema social pode fazer parte da vivência de alguma delas. Por isso, terá que medir muito bem as palavras que utiliza. Por exemplo, nunca poderá dizer que a pessoa que comete este tipo de atentado é uma “má pessoa”, pois pode ferir a criança.

 “(…) Por meio de um julgamento cuidadoso e um pouco de orientação cautelosa, é possível fazer com que um “gangster” termine como Cristóvão Colombo - o que é maravilhoso, porque Cristóvão Colombo - é Historia, e portanto, respeitável”.

Isto poderia acontecer através de discussão: “Muito bem, já tivemos muito bom trabalho de “gangster”. Agora vamos mudar um pouco de tema e colocar o nosso “gangster” num barco. Alguém sabe alguma coisa sobre piratas? Como eles se vestem? Quem é que tem de lidar com contrabandistas? Alguém sabe?”

O educador depois de trabalhar este tema, poderá alargar um pouco mais. Como por exemplo cita o autor: “ Deve ter sido terrível, naqueles tempos, quando não se podia partir para uma viagem marítima sem ter medo de piratas. Vocês sabem os nomes de algumas pessoas que tenham achado difícil embarcar para o mar? Não necessariamente alguém que estivesse com medo, mas alguém que precisasse parar para pensar duas vezes sobre piratas? Alguém sabe de nomes da Historia, de pessoas que tiveram um problema assim?” (…) ”[[11]](#footnote-11)

 Na primária, o palco para as representações/dramatizações, deve continuar a ser o chão. Se houver um palco, este deve ser apenas usado para cenas especiais e curtas. Por exemplo, se na dramatização tiverem que passar por uma montanha, poderão faze-lo sobre o palco, subindo por um dos lados e descendo pelo outro. O importante é que a maioria da dramatização se dê no chão.

 **Dos Nove aos Onze anos**

 É uma excelente idade para serem introduzidas as lendas e histórias do mundo. As crianças ganharam interesse por outras culturas e é um passo para acabar com a xenofobia. A representação é um meio por excelência para nos conhecermos a nós próprios e aos outros, logo se representarmos, por exemplo, os costumes de outras culturas e religiões, iremos compreender que cada uma tem uma maneira diferente de ser e conseguimos compreender o motivo das diferenças, o que faz com que a aceitação seja mais fácil.

 **Sensibilidade “Grupal” e Dança Infantil**

 “(…) Após os nove anos de idade, é possível desenvolver sensibilidade grupal durante a dança criada pelas crianças (…)”[[12]](#footnote-12), a dança pode ser bem desenvolvida entre os sete e os doze anos de idade. A dança é uma forma de exteriorização de sentimentos e frustrações, tal e qual como as representações, visto que a dança também é uma forma de representação. É uma actividade que obriga a que haja bastante comunicação entre o grupo e espírito de entreajuda, visto que para ser bem concebida têm que estar todos os membros de acordo.

 **Trajes**

 Apesar das crianças nessas idades gostarem bastante de se fantasiarem, o adulto não deve sobrecarregar a criança com os figurinos, pois nem todas as crianças querem e gostam de usar vestimentas e essa imposição pode influenciar o drama que vão fazer.

 Quando são disponibilizadas vestes, estas não devem ser apenas roupas propriamente ditas, deve dar-se às crianças - panos, roupas velhas, para que as possam modificar e adaptá-las ao que necessitam.

 **Trabalho em Condições Difíceis**

Como referimos anteriormente, por vezes o espaço existente na instituição não é o melhor, ou porque não tem amplitude suficiente ou porque está demasiado cheio Quando não existe um polivalente ou um espaço exterior agradável, o educador tem que se adaptar às condições que tem, afastando as mesas e empilhando as cadeiras.

 Nestas idades, é extremamente importante que o educador faça actividades de drama infantil com toda a turma, pois os grupinhos já estão bastante assentes nestas idades e todo o trabalho que possa ser desenvolvido em grande grupo aumenta as ligações que toda a turma deve ter, visto que o jogo dramático é um momento de partilha de opiniões e experiências de vida.

 **O que Fazer com o Pré-Adolescente**

**Crianças de onze a treze anos (já experientes)**

Nestas idades já não é necessário fazer muitas sugestões, pois as crianças destas idades já têm experiência. A lém disso, entre elas existem sugestões que são dadas de forma a melhorar a representação.

O grande papel do educador nestas idades, é incentivar os pré-adolescentes que sejam mais acanhados, pois a timidez surge com força nestas idades. Os pré-adolescentes deixam de se querer expor, pois acham que já não são coisas para as suas idades.

 **Para Principiantes**

Infelizmente, nem todos os educadores cumprem as Orientações Curriculares para o Pré-escolar, assim como o Programa Nacional para o Primeiro Ciclo, onde vem frisada a importância e a necessidade da Expressão Dramática ser trabalhada nas escolas. O que faz com que existam pré-adolescentes que chegam ao segundo ciclo - altura em que a Expressão Dramática já não está englobada no programa, mas que mesmo assim deve ser inserida em todas as disciplinas deste ciclo, como um complemento e método de leccionar a matéria - e não têm qualquer experiencia nem contacto com o jogo dramático. A nosso ver, esta é uma grande lacuna da educação do nosso país, pois não é dada a devida importância a esta expressão, assim como acontece mais cedo ou mais tarde às restantes expressões.

“(…) Podemos ajudá-las a adquirir mais senso de caracterização e situação, e maior observação do drama quotidiano da vida(…)”[[13]](#footnote-13) por exemplo “(…) Toda a sala de aula ou salão pode então ser transformado numa estação de estrada de ferro; mais tarde, quando já se ganhou alguma prática de ser essa gente, pode-se introduzir uma situação simples, como por exemplo, alguém furtando a bolsa da velha senhora (…)”[[14]](#footnote-14). Com este exemplo compreendemos que devemos incentivar os pré-adolescentes com cenas do quotidiano simples, pelas quais já todas tenham passado e, depois dos alunos terem compreendido a cena, o educador deve colocar problemas nas representações, para estimular os alunos.

**Como Ultrapassar o Espaço entre Improvisação e Peças Escritas**

Aos treze anos, surge a vontade de ter uma peça escrita. O professor para escrever a peça, deve guiar-se pelas ideias dos alunos, anotando-as e vendo as representações que os mesmos fazem, de forma a acrescentar mais notas sobre o texto que irá escrever ou pedir aos alunos que escrevam.

“(…) Não diga coisas como “Não, não, assim não dá, ele não diria uma coisa dessas” mas incentive-os, fazendo observações como “Não sei se esse homem, naquela situação, diria mesmo isso. Vocês não acham, que talvez ele pudesse estar um pouco mais assustado ou emocionado? (…) ”[[15]](#footnote-15).

Com a experiência, as crianças irão habituar-se a peças escritas por outro autor.

 **Conclusão:**

Em suma, podemos concluir que a realização deste trabalho nos permitiu descobrir este novo conceito do jogo dramático infantil, bem como acerca do próprio autor da obra. Permitiu-nos também conhecer melhor os pontos de vista do autor acerca do jogo dramático, bem como o seu conceito e as teorias que o mesmo defende.

Após a leitura, podemos reter que o autor defende que o jogo dramático é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, social e psicológico da criança.

“ (…) A expressão dramática é um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio na relação com o (s) outro (s) que corresponde a uma forma de se apropriar de situações sociais (…)”[[16]](#footnote-16)

  A expressão dramática é um dos métodos mais consideráveis e plenos de educação. A diversidade da sua execução, abrangendo grande parte dos aspectos relevantes no desenvolvimento de nós - enquanto seres humanos, e a grande amplitude de formas que pode tomar, podendo ser organizada conforme os objectivos, as idades e os meios disponíveis. O objectivo principal da expressão dramática é a expressão, ou seja, estimular a expressão livre de todos os seus sentimentos através do corpo.

**Bibliografia:**

- SLADE, Peter. O Jogo Dramático Infantil. São Paulo: Summus Editorial, 1978;

- Orientações Curriculares para o pré-escolar – Ministério da Educação.

**Webgrafia:**

 - <http://pt.wikipedia.org/wiki/Peter_Slade>, a 4/11/2011 às 14:15 horas;

 - <http://www.english1.org.uk/pslade5.htm>, a 4/11/20011 às 14:31 horas.

1. <http://www.english1.org.uk/pslade5.htm>, a 4/11/20011 às 14:31 horas; [↑](#footnote-ref-1)
2. SLADE, Peter – O Jogo Dramático, São Paulo, 4ª edição Summus Editorial, página 19; [↑](#footnote-ref-2)
3. SLADE, Peter – O Jogo Dramático, São Paulo, 4ª edição Summus Editorial, página 23; [↑](#footnote-ref-3)
4. SLADE, Peter – O Jogo Dramático, São Paulo, 4ª edição Summus Editorial, página 24; [↑](#footnote-ref-4)
5. SLADE, Peter – O Jogo Dramático, São Paulo, 4ª edição Summus Editorial, página 25; [↑](#footnote-ref-5)
6. SLADE, Peter – O Jogo Dramático, São Paulo, 4ª edição Summus Editorial, páginas 26/27; [↑](#footnote-ref-6)
7. SLADE, Peter – O Jogo Dramático, São Paulo, 4ª edição Summus Editorial, página 43; [↑](#footnote-ref-7)
8. SLADE, Peter – O Jogo Dramático, São Paulo, 4ª edição Summus Editorial, página 44; [↑](#footnote-ref-8)
9. SLADE, Peter – O Jogo Dramático, São Paulo, 4ª edição Summus Editorial, página 44; [↑](#footnote-ref-9)
10. SLADE, Peter – O Jogo Dramático, São Paulo, 4ª edição Summus Editorial, páginas 45 à 50; [↑](#footnote-ref-10)
11. SLADE, Peter – O Jogo Dramático, São Paulo, 4ª edição Summus Editorial, páginas 52 à 54; [↑](#footnote-ref-11)
12. SLADE, Peter – O Jogo Dramático, São Paulo, 4ª edição Summus Editorial, página 58; [↑](#footnote-ref-12)
13. SLADE, Peter – O Jogo Dramático, São Paulo, 4ª edição Summus Editorial, página 66; [↑](#footnote-ref-13)
14. SLADE, Peter – O Jogo Dramático, São Paulo, 4ª edição Summus Editorial, página 66; [↑](#footnote-ref-14)
15. SLADE, Peter – O Jogo Dramático, São Paulo, 4ª edição Summus Editorial, página 68; [↑](#footnote-ref-15)
16. Orientações Curriculares para o Pré-escolar, página 59; [↑](#footnote-ref-16)